

100 ANOS DE BLINDADOS NO EXÉRCITO BRASILEIRO 1921 – 2021



RENAULT FT-17 – O precursor



Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares
defesa@ecsbddefesa.com.br

Blindados no Brasil e o Ideal de Modernização

Durante a primeira metade de século XX, os sistemas militares alemães, franceses e americanos influenciaram no Exército Brasileiro. Cada qual teve o seu período: os alemães antes da Primeira Guerra Mundial, os franceses nos anos entre os dois grandes conflitos mundiais e os norte-americanos durante e após a segunda guerra mundial. O fascínio pela modernização, confundido com europeização levou o Exército Brasileiro a buscar assistência externa.

Após a administração do ministro MALLET (1898-1902), quando foram equacionados aspectos essenciais à vitalidade da nossa força terrestre, completa-se para ela uma etapa de transformações básicas com a nova Lei de 4 de agosto de 1908. Essa Lei, entre outras coisas, criava o alistamento e o serviço militar obrigatório e ainda a organização militar de base regional, calcada na existência das grandes unidades permanentes, dando aos oficiais generais a oportunidade de exercitarem o comando e a administração. Paralelamente, novos armamentos e equipamentos foram sendo adquiridos, renascendo desta forma o entusiasmo entre os oficiais, estimulando estudos e debates em torno destes meios e de novas idéias.

Essa fase coincidia com as grandes transformações por que passavam no início do século, os exércitos da França e Alemanha, decorrentes do progresso do armamento e da modificação de seu emprego tático.

Ainda antes, na América do Sul, a década de 1890 presenciou missões alemãs remodelarem o exército chileno, que chegou a ter um oficial germânico, como Chefe de Estado-Maior.

As potências europeias e, mais tarde, os norte-americanos passaram a ver as missões militares de instrução como parte da parafernália de sua política de relações exteriores, pois elas incentivavam a aquisição de equipamentos e armas semelhantes às usadas pelos instrutores, aumentando desta forma o comércio exterior e atraindo para suas esferas de influência as nações por elas atendidas, o que prevalece até nossos dias.

Entretanto, os brasileiros saíram melhor que os chilenos, turcos, tchecos ou poloneses, pois conseguiram preservar a sua integridade de comando. Enquanto esses quatro exércitos, em determinadas épocas estiveram sob ordens de comandantes alemães e franceses, os brasileiros mantiveram suas forças sob controle próprio e limitaram a ação dos oficiais estrangeiros às funções de instrutores e assessores.

Como sinal bem característico desses tempos, nasceu em 1913 uma revista de assuntos militares, a nossa *A DEFESA NACIONAL*, onde se apresentavam e debatiam as transformações por que passava o exército.

Em 23 de fevereiro 1915, através do Decreto 14497 foi o nosso Exército remodelado, as inspeções permanentes foram transformadas em regiões militares, que passaram a ter ação sobre todos os elementos sediados em seu território, exceto os explicitamente dependentes de outras autoridades. As brigadas estratégicas foram transformadas em divisões de infantaria. Em 1918, foi extinta a GUARDA NACIONAL, surgindo em seu lugar o Exército de segunda linha, deslocando-se tarefas que lhe cabiam do Ministério do Interior e Justiça para o Ministério da Guerra.

As profundas transformações por que passava o Exército viriam a originar a contratação de uma missão militar de instrução logo após o término da Primeira Guerra Mundial. Dos franceses que a integravam, esperava o então Chefe do Estado-Maior do Exército, General TASSO FRAGOSO: ... **"QUE APRENDEREMOS REALMENTE O SERVIÇO CAPITAL DE ESTADO-MAIOR, ISTO É, A ARTE DE DIRIGIR TROPAS E DE PROVÊ-LAS"**.

A Missão Militar Francesa inevitavelmente, como fruto da experiência de guerra de seus componentes, iria influir na estrutura do Exército. Isto se verificou em 1921, com uma reorganização. Nessa oportunidade, entre outras modificações implementadas, a Cavalaria Independente (isto é, a não integrante das divisões de infantaria) passou a se organizar em divisões ao invés de brigadas.

Como fruto dos ensinamentos da Primeira Guerra Mundial, iria aparecer em nossa organização militar dois elementos inteiramente novos: **AS UNIDADES DE AVIAÇÃO** e **UMA COMPANHIA DE CARROS DE ASSALTO**.

Renault FT-17

Durante a 1ª Guerra Mundial o Exército Brasileiro enviou para a França o Capitão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que iniciou seus estudos de motorização e mecanização na Escola de Carros de Combate de Versalhes, posteriormente servindo no 503º Regimento de Artilharia de Carros de Assalto, onde teve a oportunidade de conhecer os carros de combate Renault FT-17.

Quando de sua volta ao Brasil, influenciou o exército para a aquisição de carros de combate, tendo sido escolhido o modelo Renault FT-17, muito embora ele próprio achasse que não era o modelo ideal de carro de combate para equipar nossa força blindada. Publicou um verdadeiro

tratado sobre o desenvolvimento e emprego da arma blindada no teatro de operações europeu durante a Primeira Guerra Mundial, intitulado **"OS TANKS NA GUERRA EUROPÉIA"**, publicado em 1921 no Rio de Janeiro – DF, sendo esta a primeira obra publicada na América Latina.

A compra de carros de combate se dará antes da contratação de uma Missão Militar de Instrução pois, após a Primeira Guerra Mundial, o Exército Brasileiro irá contratar uma Missão Militar Francesa para auxiliar na modernização e reestruturação de nosso exército.

Em 1921 chegam ao Brasil 12 carros de combate Renault FT-17, novos, oriundos da fábrica DELAUNAY-BELLEVILLE, na França, sendo 6 com torre fundida (Berliet) e armados com canhão Puteaux de 37mm, 5 com torre octogonal rebitada (Renault), armados com metralhadoras Hotchkiss de calibre 7mm (este era o calibre usado Brasil, enquanto que na França o calibre era 8mm) e 1 modelo TSF (telegrafia sem fio) desprovido de torre giratória como os demais para comunicação com os escalões superiores.

Eles irão formar a **COMPANHIA DE CARROS DE ASSALTO** criada pelo Decreto 15235, de 31 de dezembro de 1921, na Vila Militar, no Rio de Janeiro – DF, tornando-se, desta forma, o Brasil, pioneiro da arma blindada na América do Sul.



A Companhia de Carros de Assalto com seus Renault FT-17 desfilando no Rio de Janeiro em 07 de Setembro 1922, nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)



A Companhia de Carros de Assalto com seus Renault FT-17 em 1923. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)

É curioso ressaltar que estes carros de combate foram entregues ao Chefe da Missão Militar Brasileira em Paris em maio de 1919, e chegaram ao Brasil no início de 1920, sendo depositados no 1º Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro, DF, e lá ficaram até 28 de setembro de 1921, quando foram entregues ao então Capitão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, encarregado de organizar a Companhia de Carros de Assalto, conforme Boletim nº 223 de 01-10-1921, só que mesmo sendo novidades, não tiveram uma boa aceitação entre os militares mais antigos.

Vale ressaltar que esta Companhia era considerada tropa independente, adida a 1ª Divisão de Infantaria, e o ingresso nela era aberto aos oficiais de todas as armas.

Em 03 de novembro de 1921 ocorreu o primeiro exercício de carros de combate em conjunto com a aviação militar no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na colina boscosa, na Vila Militar.

Sua primeira aparição pública se dará em 25 de agosto de 1922, quando toda a Companhia se apresentará no Campo de São Cristóvão, Rio de Janeiro, onde recebeu o Pavilhão Nacional e foi aberta à visitação pública esta novidade chamada carros de combate.

Devemos ressaltar que nesta data foi escolhido como patrono da Companhia de Carros de Assalto, o **Duque de Caxias**, um ano antes de o dia 25 de agosto ser declarado como dia do soldado (Aviso 443 de 25/agosto/1923) e quarenta anos antes

dele se tornar o Patrono do Exército Brasileiro (Decreto 51429 de 13 de março de 1962).

Seu primeiro emprego operacional no país irá ocorrer durante a Revolução de 1924, quando esta Companhia é enviada a ocupar a cidade de São Paulo após a retirada das forças rebeldes daquela cidade e, em fotos da época, podemos assistir a uma parada dos 6 Renault FT-17 operacionais naquele momento, pois o modelo T.S.F. ao que tudo indica nunca foi totalmente operacional, tendo sido desativado em 1925, muito embora ele fosse restaurado em 1932.

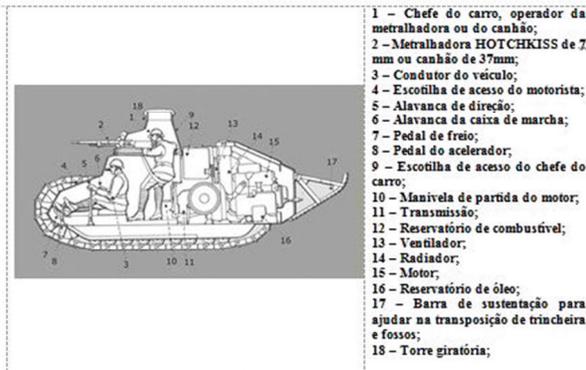


Renault FT-17 TSF (Telegrafia Sem Fio) “Ypiranga” da Companhia de Carros de Assalto em 1923. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)



Renault FT-17 da Companhia de Carros de Assalto ocupando São Paulo durante a Revolução de 1924. Notar que os dois blindados da coluna possuem torre fundida Berliet e canhão Puteaux de 37 mm. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)

FT-17 EM CORTE



Em 1925, o aviso n.º 254, de 18 de maio, muda a designação para **COMPANHIA DE CARROS DE COMBATE**.

O Decreto n.º 20.986, de 21 de janeiro de 1932, extingue a Companhia de Carros de Combate; eles não haviam conseguido motivar nossa oficialidade e devido ao precário estado em que se encontravam, são transferidos para o Batalhão Escola de Infantaria. Meses mais tarde, os remanescentes da então Companhia de Carros de Combate serão empregados operacionalmente em virtude da eclosão da Revolução Constitucionalista deflagrada por São Paulo em 09 de julho.



Renault FT-17 ocupando a cidade de São Paulo em 1924. Notar que possui torre octogonal Renault e está armado com metralhadora Hotchkiss 7 mm. (Foto: Museu de Polícia Militar de São Paulo)

Estes veículos, provavelmente meia dúzia deles, serão empregados separadamente ou em duplas, em alguns setores onde ocorreram combates entre tropas rebeldes e legalistas, sendo usados para manter pontes, atacar ninhos de metralhadoras. Foram empregados em locais montanhosos, como a divisa de Minas Gerais com São Paulo, não apropriados para seu uso e desta forma não foram decisivos como instrumento para definir a superioridade e até mesmo garantir a vitória das forças legalistas naquele conflito.



Dois Renault FT-17 em operações no setor do Túnel da Mantiqueira, na divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Ambos estão armados com metralhadora Hotchkiss de 7 mm.



Uniformes da guarnição do carro de combate e emblema da Companhia de Carros de Assalto, aqui o Forte de Coimbra, pintado na lateral traseira do blindado. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)

Em 1935, pelo aviso n.º 248, de 22 de abril, é criada a Seção de Carros de Combate no Batalhão de Guardas, que

aproveita os carros de combate existentes no Batalhão Escola de Infantaria. Também foi criada a **SEÇÃO DE MOTOMECANIZAÇÃO** no Estado Maior do Exército, por influência direta do chefe da Missão Militar Francesa, General Paul Noel, o que sem dúvida foi um grande avanço.



Renault FT17 da Companhia de Carros de Combate, em Gericinó durante manobras em 1928. (Foto: Seção de Periódicos ECSB/Defesa)

A criação da Companhia de Carros de Assalto foi uma tentativa isolada do Capitão José Pessoa, caindo no abandono, não tendo continuidade, mas a iniciativa foi pioneira. As motivações contrárias à sua sobrevivência serviram de alerta e seriam habilmente contornadas em nova oportunidade.

Interessante era que os blindados possuíam uma cor marrom escuro, a qual foi trocada para verde oliva a partir de 1925 e perderam os emblemas nas laterais traseiras.

Outra novidade foi seus uniformes, os quais possuíam particularidades muito interessantes, como capacete de aço modelo Adrian Francês, sem a aba frontal, com proteção de couro branco na parte frontal onde ostentava o emblema de um elmo com dois canhões cruzados e na manga esquerda possuía um Renault FT-17 estilizado, bordado em prata sobre um círculo negro costurado na mesma e uma bandagem nas pernas, uma fita de lona que era enrolada do joelho ao tornozelo e calçado preto.



O uniforme dos tanquistas distinguia-se pelo capacete de aço, com couro branco na parte frontal e emblema da unidade, todo cáqui e a bandagem nas pernas. (Foto: AHEx e modificações elaboradas pelo autor sobre o desenho original)



Renault FT-17 com torre Octogonal Renault e metralhadora Hotchkiss de 7 mm preservado no Museu Conde Linhares, no Rio de Janeiro. (Foto autor)



Renault FT-17 com torre fundida Berliet e canhão Puteaux de 37 mm, com a denominação Guararapes, retratando o da Companhia de Carros de Assalto, preservado em condições operacionais no CIBId em Santa Maria, RS, aqui desfilando em 05 de Outubro de 2011 na festa da Cavalaria. (Foto: autor)

2021
100 ANOS DE BLINDADOS
NO EXÉRCITO BRASILEIRO

A história dos veículos militares no Brasil em suas mãos.
Uma coleção única!




COLEÇÃO BLINDADOS NO BRASIL

<https://ecsbdefesa.com.br/>

ecsbdefesa.com.br

A história dos veículos militares no Brasil